

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : CCSP

CLASS. : YAR 1668

DATA : 11 04 90

PG. : 03

Machismo ianomami

Há temas cujo debate, por seu forte conteúdo moral e pela complexa trama de causas e efeitos, ultrapassa as fronteiras nacionais e ganha foros de preocupação universal. É o que ocorre com o narcotráfico e a ecologia, por exemplo, compreensivelmente elevados à categoria de temas transnacionais. Isto significa que cada ser humano, esteja onde estiver, tem o direito legítimo de se ocupar destes assuntos, que dizem respeito a todos, indistintamente. Este poder, individual ou de grupos, entretanto, encontra limites no Direito e na Razão. No Direito, quando grupos de pressão esbarram em princípios como a soberania e a autodeterminação; na Razão, quando o zelo excessivo leva à perda do senso de medida e conduz ao absurdo.

É o que acaba de acontecer com dois grupos de ativistas nos Estados Unidos, que se atrimam em torno dos índios ianomami. Um grupo defende os índios incondicionalmente. O outro faz sérias restrições à sobrevivência de alguns traços desta cul-

tura primitiva. O pomo da discórdia são hábitos ianomami (primitivos, portanto), considerados — e com razão — repugnantes e inadmissíveis pelos feministas.

O que fazem estes selvagens? Batem em suas mulheres e praticam o infanticídio feminino, o que, ao que parece, constitui motivo suficiente para que algumas militâncias femininas questionem o seu apoio à "causa ianomami". Diante da barbárie, a feminista Marilyn Faulkenburg faz a pergunta crucial: "Essa sociedade (ianomami) merece ser protegida contra o século XX?", e conclui que são os antropólogos os que mais têm a ganhar com a preservação desta cultura "tão brutal e primitiva".

O episódio seria cômico, não fosse estar sua motivação na raiz de boa parte dos mal-entendidos entre grupos ativistas — hoje capazes de determinar e influenciar políticas públicas — e países para os quais dirigem suas atenções. A grande maioria das pessoas que se engajam nestes movimentos tem uma vi-

são e um conhecimento extremamente limitados dos temas que estimulam alguns de seus melhores sentimentos. Na verdade, entregam-se de coração — raramente de cabeça —, obedecem cegamente às palavras de ordem que, muitas vezes, são tudo o que sabem a respeito da causa que abraçaram.

Não estranha, portanto, que uma professora de Comunicação de uma escola na Califórnia se veja diante de tão cruel dilema e o transmita a seus alunos. Evidentemente, para ela os valores mais próximos tendem ao absoluto, daí interrogar-se sobre o que é mais precioso: manter intacta uma cultura primitiva, na qual os homens batem nas mulheres, ou sustentar o feminismo *tout court*? Em outras palavras, os ianomami devem ser protegidos, mesmo que batam em suas mulheres e matem suas filhas?

Os feministas da Califórnia somente agora chegam ao impasse que durante décadas presidiu a discussão dos antropólogos que estudam tribos primitivas. O ideal de manter estas cul-

turas intactas conflita com nossos códigos morais e de comportamento. Ao que consta, não existe uma fórmula universal que conforme todas as culturas primitivas. Há casos bem e mal-sucedidos de preservação pelo isolamento, assim como há bons e maus exemplos de aculturação.

De qualquer maneira, que fique a lição que nos vem de alguém preocupada em defender o direito de as meninas ianomami não serem assassinadas com o beneplácito dos brancos civilizados. Afinal, que legitima o direito dessa tribo de matar crianças e espancar mulheres? Se fossem "civilizados" cairiam sob a crítica de quantos prezam a pessoa humana e seus direitos. Como são primitivos, deve-se conceder-lhes o direito de viver segundo seus usos e costumes. Certo, mas esse direito vai ao ponto de exigir que se criem as condições para que continuem praticando atos que violentam os códigos de conduta dos povos ditos civilizados e ofendem nossos sentimentos morais?